

Entrevista do Professor João Alexandre Barbosa a Linha d'Água*

Linha D'Água (L.D.): Professor, já que no princípio era o verbo, como foi seu primeiro contato com as letras, sua formação como leitor, a paixão pelos livros?

João Alexandre Barbosa (J.A.B.): Tive uma educação primária muito singular. Fiz o primário em casa, com preceptora. Só fui fazer exame de admissão para o ginásio: colégio de jesuitas. É preciso dizer que sou de família privilegiada, de Recife. Na minha casa, embora meu pai não fosse homem de letras - ele era comerciante, empresário - nós tínhamos muitos livros. Eu ia lendo tudo o que queria... de Literatura, Filosofia, História... Por isso, sempre imaginei que iria fazer alguma coisa na área de Humanidades, Comecei o curso de Direito para ser diplomata. Tive que abandonar essa idéia porque meu pai faleceu, enfim, surgiram complicações que me fizeram mudar os planos. Quando comecei a fazer Direito comecei também a lecionar porque, naquele tempo, para fazer Direito era preciso estudar literatura: brasileira, francesa. Escolhi francês: tive, em casa, professora de francês durante toda a adolescência. Escrevia, lia e falava francês normalmente, como português. Fiz o vestibular para o francês e, quase imediatamente, tornei-me professor, num curso ligado à Faculdade de Direito, para candidatos a essa Faculdade. Então, aos 18 anos, era professor de literatura francesa e tive muitos alunos da mesma idade que eu e até mais velhos. O resultado é que hoje estão aí na política, e alguns são pessoas famosas: vereadores, ministros... Um deles foi até candidato à presidência da República, o Roberto Freire. Um outro é o deputado Ricardo Fiúza, outro ainda é o Marco Antônio Maciel. Ao mesmo tempo que ia ensinando literatura francesa, pouco depois também literatura brasileira, eu ia procurando ler cada vez mais, para ensinar bem, para ensinar com rigor, com responsabilidade. Lia e anotava fichas. E a partir dessas fichas fui fazendo textos para jornais. Ou seja, muito cedo comecei a ensinar e escrever como leitor, antes de mais nada, leitor que escreve para registrar suas impressões de leitura.

L.D.: Que gênero, professor, resenhas ou artigos?

* Entrevista concedida em 23 de setembro de 1993 a Linha d'Água que esteve representada por: Maria Elena Ortega Assunção, Norma Goldstein e Otacília de Freitas Teixeira França. Na ocasião da entrevista, além de professor de Teoria Literária e Literatura Comparada, o Professor João Alexandre era também Presidente da EDUSP e Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária.

J.A.B.: Mais artigos gerais do que resenhas. Terminando o curso de Direito, fui encarregado de fazer uma sessão de crítica, no diário *Jornal do Comércio do Recife*. Durante quase dois anos, toda semana, eu publicava um rodapé de crítica. Às vezes era resenha, outras vezes idéias gerais. Por exemplo, eu escrevia sobre Camus e, ao mesmo tempo, escrevia sobre João Antônio, que estava começando na época, ou o Dalton Trevisan...

L.D.: Em que época estamos aqui?

J.A.B.: Início da década de 60, quando terminei Direito e decidi que não seria advogado. Seria professor. Foi uma decisão muito importante para mim... Em 1960 houve o I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, em Recife. Foi famoso porque nele estavam presentes Sartre, Simone de Beauvoir e muitos intelectuais brasileiros. No ano seguinte, em 1961, houve o II Congresso aqui em São Paulo, em Assis, e neste apresentei o trabalho: "História da Literatura Brasileira e Literatura Brasileira". Na verdade, era uma leitura de *A Formação da Literatura Brasileira* do Antonio Cândido, de 1959. Resolvi fazer um trabalho de como se apresenta a história da literatura, sobretudo do ponto de vista de um leitor que acabara de ler essa obra. Mas eu não conhecia o Antônio Cândido, nem pessoalmente, nem por carta. Eu o conheci nesse Congresso. Tinha 24 anos, e ele deveria ter uns 48. Foi muito curioso. Apresentei o trabalho - o relator foi o Wilson Martins, que, embora me dissessem que era o "cão", fez um belo relatório, - mas Antônio Cândido não estava presente. No dia seguinte, no auditório, uma pessoa bateu nas minhas costas. Era ele; apresentou-se e disse: "Querida te dizer que não estive presente à apresentação do teu trabalho porque você fala tão bem de *A Formação*... que eu iria ficar envergonhado... Mas vamos sair e conversar um pouco". Saímos e ficamos andando por Assis. Daí por diante, foi uma amizade firme. Ficamos nos correspondendo. Em 62, no III Congresso, na Paraíba, mais vez nos encontramos. Na ocasião, ele me convidou para vir para São Paulo, trabalhar em Teoria Literária e Leitura Comparada que ele havia recém criado aqui na Universidade. Disse a ele que não, que as circunstâncias, em Recife, eram boas e que, pelo contrário, eu queria criar a Teoria Literária lá. Fui eu quem criou a Teoria Literária naquela Universidade, em cima de documentos que o Cândido me enviou, que conservo até hoje e considero muito interessante. Esse documento é único, está escrito à máquina, em papel-jornal, e eu o conservo porque é importante conhecer as origens da Teoria Literária aqui na Universidade de São Paulo. Usei os argumentos do Cândido e consegui criá-la lá.

L.D.: Criou-a como disciplina ou departamento?

J.A.B.: Como disciplina de graduação. Antes, só havia Introdução aos Estudos Literários. Hoje é um Departamento completo, com pós-graduação, etc. Me

ajudou muito, para essa criação, o fato de que naquela época eu já escrevia, já era conhecido, e isso que permitia que o que a gente tentasse fazer fosse respeitado. Comecei a ensinar Teoria Literária na Universidade do Recife, mas durou pouco tempo. No início de 64, em Abril, eu e o meu amigo, Sebastião Uchôa Leite, que dirigíamos o "Suplemento Literário" onde eu tinha minha coluna, fomos obrigados a deixar o jornal. Obrigados, quer dizer, decidimos, porque o jornal passou a ser censurado pela redação, em função do golpe de 64. Aí a coisa complicou para o meu lado e me lembrei do convite do Cândido, que eu não aceitara. Resolvi vir para São Paulo, estive com ele rapidamente na Maria Antônia e disse: "Olha, se aquele convite estiver de pé, eu venho". Respondeu: "Está, mas há um problema: eu vou para Paris. Temos que dar um jeito: você vai para algum lugar enquanto eu vou para Paris; quando eu voltar, você vem para cá". E aí fui para a Universidade de Brasília, passar o ano de 65. Esperava ficar mais, mas a Universidade foi tomada pelo Exército e eu e a minha mulher fomos demitidos. Só há três anos atrás é que fomos anistiados. Em 66, voltei para Recife. Foi um ano terrível, recuperei meu lugar, mas "sob suspeita". Em fins de 66 vim para cá, o Antônio Cândido já voltara de Paris e começou então a tentar conseguir um contrato para mim, em Teoria Literária e Literatura Comparada, que era a disciplina dele. Não foi nada fácil! Mas consegui uma coisa extraordinária para a época: uma bolsa de doutoramento da FAPESP, uma das primeiras em Literatura. Fiquei fazendo minha tese, sobre a herança crítica de José Veríssimo. Aliás eu e o Antônio Cândido brincávamos um pouco com isso. Como ele era formado em Ciências Sociais e a tese que garantiu a ele entrar na área de literatura foi sobre o Sílvio Romero, ele dizia: "o Romero foi o meu álibi, o Veríssimo vai ser o seu". Quer dizer, o álibi para pessoas não formadas em Letras poderem adentrar a área de Literatura. E foi verdade, pois meu contrato da USP para tempo integral só saiu em 69. Aliás quem conseguiu o dinheiro, a vaga que me permitiu ser contratado foi o professor José Aderaldo Castello. Por isso, digo sempre que entrei pelo coração do Cândido e pelo bolso do Castello. Minha tese já estava muito adiantada, vinha trabalhando nela desde 65. E em 70, defendi-a. Aliás, foi o primeiro doutoramento em Teoria Literária, no Brasil, como ressaltou Alfredo Bosi, membro da Banca. Orientada pelo Cândido, não foi: foi pela Onédia mas a Onédia estava inscrita em literatura inglesa. Na verdade, a minha foi a primeira tese em Teoria Literária. Não foi só na Universidade de São Paulo, não. Foi no Brasil!

L.D.: Então tem um importante caráter histórico...

J.A.B.: Tem, eu a defendi em 1970. Em 71, já pude orientar pós-graduandos. Acho que estou lhes dando uma idéia do meu envolvimento com a Universidade, só de passagem, pois estava comentando com vocês aquela história de leitura. Acho que disse tudo, quando disse que nunca me faltava livro nem leitura.

Não tive absolutamente nenhuma censura da parte de meus pais e nenhum impedimento de ordem econômica e isso foi importantíssimo. Fui sempre um frequentador de sebos e fui formando minha biblioteca de acordo com o que as leituras iam provocando. Hoje acho até engraçado como é fácil encontrar livros. Naquele momento, era difícil adquirir certos livros. Por exemplo, **Cultura e Renascimento na Itália**, do Buckhart: era um livro difícilimo, valiosíssimo, ilustrado. Hoje você o encontrará em "pocket" ou "edition de poche". facilmente. Fico admirado com as pessoas envolvidas com literatura que não frequentam sebos, nem livrarias. Sempre fui um frequentador. Primeiro, eu vivia na província e, certamente, o acesso ao livro era diferente de quem vivia em São Paulo, ou no Rio. Recife, na época, era muito diferente do que é hoje. Decaiu muito.

L.D.: Era uma cidade mais culta?

J.A.B.: Não sei se era mais culta, mas decaiu muito em termos de livrarias. O consumo levou a que livrarias fossem transformadas em papelarias. Antes, havia pessoas, livreiros; havia um grande livreiro - que já vinha da década de 40, o João Cabral faz referências a ele - que mandava buscar livros onde fosse.

L.D.: Qual o nome desse livreiro?

J.A.B.: Jacó Bernstein e a livraria: Imperatriz. Hoje está lá o filho dele, o Salomão, mas transformou-se num vendedor de artigos de papelaria, de miudezas. Essa decadência das livrarias ocorreu mesmo no Brasil inteiro.

L.D.: Esses seus escritos de rodapé, estão publicados em algum lugar, reunidos em livro, professor?

J.A.B.: Alguns sim, não todos. Publiquei um livro em 1980, chamado **Opus 60**, pela Duas Cidades. Usei esse título exatamente porque a obra é dos anos 60.

L.D.: O João Antonio está lá?

J.A.B.: Está. Chama-se "Malagueta, Perus e Bacanaço". O mesmo título do livro.

L.D.: Mas está em algum outro lugar, porque já li esse seu texto. Não lembro onde...

J.A.B.: Bem, o artigo (publiquei-o em 63) foi sobre o livro. Quem me mandou o livro foi o Mário da Silva Brito que era uma espécie de diretor da Civilização Brasileira e me mandava livros para Recife. Foi uma época muito curiosa,

porque, escrevendo em Recife, eu tinha audiência em São Paulo e no Rio. Uma das coisas que mais me impressionaram foi que, um dia, eu recebi uma carta enorme do Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde. Eu tinha escrito um artigo sobre ele chamado "A força da crítica". Era um artigo muito comovido sobre o Tristão, uma homenagem aos 70 anos dele. Uma amiga dele, passando pelo aeroporto de Recife, comprou o jornal, leu e levou para ele. E ele me escreveu, pois constava meu endereço no fim do artigo. Recebi, na época - e era muito jovem - quase todas as primeiras edições publicadas até aquele momento. Do Guimarães Rosa... ele me mandava com dedicatória porque sabia que havia um sujeito fazendo crítica, no Recife. Ou o Álvaro Lins que reeditou toda sua obra, o **Jornal de Crítica**, mais ou menos naquele período. Reeditou e me mandou, com dedicatória muito afetiva, porque ele também era pernambucano. Então, essa audiência com Rio e São Paulo foi muito interessante, muito importante. Por isso, quando cheguei aqui, já conhecia as pessoas.

L.D.: Essa interlocução ampla e privilegiada era comum à época?

J.A.B.: Não sei... Nesse sentido, eu tive muita sorte porque conheci pessoas boas, adequadas: o Cândido, os Campos - o Haroldo e o Augusto - em Assis. Assis foi um momento muito importante na vida literária brasileira. Todo mundo que era bom tinha ido para lá: Jorge de Sena, Casais Monteiro, Silviano Santiago, Roberto Schwartz... gente muito jovem. Eu conhecia todo esse pessoal, quando vim para cá, e eles também me conheciam. Minha prova decisiva foi ter de fazer alguma coisa dentro da Universidade. E fiz o doutoramento que, para mim, era decisivo, pois eu não era bacharel em Letras ou Ciências Sociais, tinha que aproveitar aquele momento que permitia que o estudioso fizesse o chamado doutoramento direto. A gente tinha que apresentar dois trabalhos subsidiários. Apresentei um na área de literatura francesa, outro na área de literatura brasileira. O 1º, para Rui Coelho, chamava-se "Mallarmé segundo Valéry". O segundo, para o Castello, chamava-se "Linguagem e Metalinguagem em João Cabral". Acabou sendo minha tese de Livre-Docência. Em 70, fiz o doutoramento. Logo depois, em 71, fui convidado para ir para Wisconsin, nos EEUU. O Jorge de Sena saiu, eu recebi o convite, mas acabei não indo. Surgiu a oportunidade de ir para Yale e, fiz lá o meu pós-doutoramento, em 71 e 72, desenvolvendo o meu projeto sobre o João Cabral. Quando voltei, em 73, estava pronta a Livre-Docência. Naquele momento, quem tivesse Livre-Docência seria efetivado. E isso resolveu de vez o meu problema. Entrei na USP em 69, mas contando todos os períodos anteriores, na Universidade de Brasília, na de Recife, etc., eu já tenho tempo para a aposentadoria: mais de 30 anos de trabalho em universidade.

L.D.: Agora, falemos da formação de leitores. O senhor concorda que o crítico ajuda as pessoas a lerem? E o professor? E como é sua 1ª leitura, seu primeiro contato com um livro?

J.A.B.: Creio que vou responder tudo junto, sem seguir sua ordem. Acho que é fundamental o papel que o crítico, o ensaísta, exerce sobre o leitor, quando ele é um bom crítico e um bom leitor. Um bom leitor, há que ter antes de mais nada, de um lado, a paixão pela leitura. De outro, o senso da discriminação: Paul Valéry dizia que a inscrição ideal de uma biblioteca seria: "Élire plus que lire". Escolher mais do que ler. Tem mais efeito em francês, por causa do trocadilho. A leitura não apenas extensiva, mas intensiva. Nesse sentido, o crítico, o ensaísta é fundamental. Há leituras que apenas são redundantes com relação à sua. Mas existem outras que ampliam sua leitura, que mostram aspectos que você não foi capaz de apreender. Você descobre através daquele outro leitor, o crítico, aspectos que você não tinha enxergado e que se acrescentam à sua leitura original.

O leitor, a partir de um certo nível, não usa a leitura apenas como entretenimento, mas passa a se preocupar com ela como uma forma de conhecimento. Esse leitor vai buscar com outros leitores daquele mesmo objeto, sinais, aspectos que ele não havia descoberto. É mesmo uma tarefa sem fim, uma tarefa intertextual, por natureza. Você está lendo um texto, de repente, você lê o mundo. Há autores que promovem isso mais do que outros.

Podem ser autores menos importantes os que te levam a ler outros livros. Um autor que, quando eu era adolescente, eu lia tudo dele, depois comecei a ler tudo sobre ele, mas não é um grande autor: o Aldous Huxley. Lembro-me de um artigo do André Maurois, que dizia que Huxley era um autor que cativava sobretudo adolescentes, porque ele fazia o leitor sentir-se inteligente. Fiquei um pouco amargurado, isso me pegou pelo pé. "Ah! é por isso que gosto tanto do Huxley. Faz-me sentir inteligente". Depois veio a fase da decepção.

A história da minha relação de leituras com o Huxley é engraçada porque, em 1958, ele esteve no Brasil, e eu já era um leitor fanático dele. Foi até o Recife, para conversar com o Gilberto Freyre. Soube, por um amigo jornalista, que ele estava em Recife, no hotel Boa Viagem, e resolvi procurá-lo.

Entrei no hotel e perguntei: "Onde está Mr. Huxley?" "Está jantando ali, naquela mesa, com a mulher", disse-me um garçom. Vi-o de longe, reconheceria Huxley em qualquer lugar: um homem de uns dois metros, quase cego. Fui até lá, conversei com ele em francês pois achava que meu inglês não era suficiente; pedi-lhe que autografasse um livro, levava uns três ou quatro. Ele autografou todos, coitado, com a maior paciência, até me dedicou um: "To João Barbosa, with all good wishes. Aldous Huxley". Ele foi embora, meu entusiasmo diminuiu. Em 1963, ele morreu no mesmo dia do Kennedy. E ninguém falava da morte do Huxley, só no assassinato do Kennedy. Escrevi um artigo: "Réquiem para Aldous Huxley", onde eu contava a história das minhas relações de leitura com ele. E eu dizia: "é o retrato do leitor, quando jovem". De

fato, era o meu auto-retrato quando leitor jovem. Você começa a ler um autor e, se você se apaixonou por ele, você acaba querendo conhecer tudo sobre ele. Então, quando as pessoas me perguntam: "o senhor concorda com essa tese de que a biografia não tem nada a ver com a obra?" Não sei, acho que tem tudo a ver. Só que não vou usar a biografia como meio de entrar na obra, ou de avaliação da obra. É óbvio que não! Mas, depois que se está lendo o autor, tudo o que lhe disser respeito interessa.

L.D.: Ilumina o estudo, não é isso?

J.A.B.: É evidente... E há biografias e biografias...

Li, não faz muito tempo, uma biografia do Dostoiévski, feita pelo Joseph Frank. Ele vai publicar 5 volumes, já publicou 3, enormes. Susan Sontag, fazendo uma resenha dessa obra, lembrou o seguinte: não é Dostoiévski que explica a obra, é a obra que explica Dostoiévski. É aquilo que Borges dizia, em texto famoso: "Minha obra é a minha justificativa". E não o contrário! Então, interessa, tudo interessa.

Você me perguntou como é minha primeira leitura. Leitura de quê? prosa de ficção, um poema, um ensaio? Acho que quando se lê um romance, a gente tem que se deixar envolver inteiramente. A partir de um certo número de páginas, você não sabe mais que personagem é aquele, tem de voltar várias vezes para identificar, ir colocando o personagem dentro do "plot". E isso leva tempo. É completamente diferente de um poema, sobretudo se for um poema curto. Porque a absorção é totalmente diferente. Pode ser um poema difícilíssimo, mas você tem a apreensão da totalidade, de forma imediata. E depois tem de reler e reler, não é? Estou lendo um livro agora que se chama Releitura. Estou lendo e relendo, porque o acho fantástico. Especialmente duas análises que faz de Don Quixote.

L.D.: De quem é?

J.A.B.: Matei Calinescu, um romeno. E difícil até dizer que é a 1ª leitura. Tanto Calinescu, como Borges, quanto Calvino, todos eles dizem o seguinte: você nunca lê um clássico, você relê. Se ele é realmente um clássico, ele já passou para a corrente sanguínea da literatura. De tal maneira que quando você lê, está relendo. Por exemplo, Homero. Você não precisa ter lido a *Ilíada* ou a *Odisseia* para, de certa forma, já ter lido Homero em outros autores. Desde que Homero existiu, certos arquétipos são sempre recuperados por autores posteriores. Ai, quando você lê Homero, está relendo. Ou seja, quer você queira, quer não, você está condenado à Cultura, que te bombardeia de todas as maneiras. Às vezes, não é uma coisa que você avalia como "cultural" mas é por ali que ela te agride. Já se disse, por exemplo que toda a literatura posterior ao Romantismo é uma

literatura de citação, auto-reflexiva que está sempre se referindo a própria literatura. Quem disse isso foi o Gaetan Picon, mas isso não é novo. Sabe-se, desde sempre, que a literatura, além de se fazer da experiência do escritor, faz-se da experiência dele da literatura, a que ele tem de outros livros.

L.D.: E isso não é fenômeno exclusivo da literatura. Todas as artes...

J.A.B.: Trabalham com esse fato. E isso já está no, talvez, primeiro grande narrador moderno que é Cervantes. Inaugurou a si mesmo, a literatura dele fala de literatura. E tantos outros... Assim, é sempre impossível dizer que ali nós temos uma página virgem, que será impressa alguma coisa inteiramente nova. Creio que, nas minhas leituras, os livros estão sempre dialogando. Nunca leio um livro só. As pessoas se queixam disso. "Fulano nunca lê um livro só, fica pulando de um livro para outro." Acho isso o ideal de leitura é quase que inevitável. Porque, se você está lendo bem, você lê um trecho e lembra de outro, vai ver esse outro e assim por diante... Acho isso muito rico. Quando era adolescente, fazia o meu fichário de "cross-reference". Por exemplo, eu tinha a palavra absurdo. Aí eu colocava: absurdo vírgula, definição de absurdo, e aí o termo definição podia mandar para Camus (*Un homme revolté*) ou podia mandar para Martin Esslin, por exemplo, um autor do teatro do absurdo. Quer dizer, era toda uma "cross-reference", uma biblioteca de idéias. Que eu acho fantástico, acho muito fértil. Acabei me desfazendo do fichário em Brasília mas fiz isso durante muito tempo.

L.D.: E a causa da destruição de algo tão interessante. Cansaço?

J.A.B.: Primeiro, eu me desiludi com a Universidade. Quando vi o exército invadindo a Universidade. E aí, tinha que voltar para Recife, de maneira que...

L.D.: Diminuir a bagagem...

J.A.B.: Sim, mas no fundo, no fundo, estava a desilusão com o país. Onde já se viu uma Universidade tomada por tanques?!... Nunca tinha visto nada igual. Aqui, não existiu isso. Houve qualquer coisa no Crusp mas lá, foi diferente porque era uma Universidade urbana. Eu morava na Universidade e amanheci olhando os tanques... Pareciam baratas... Foi uma coisa muito cruel! Aliás, isso me perseguiu. Minha mulher costuma dizer que nós fomos absolutamente atrás da "Revolução". Em 64, estávamos em Recife. Em 68, estávamos em São Paulo. Pouco antes, em Brasília. Estivemos nos piores lugares, nas piores horas. Aqui vocês não sentiram 64. São Paulo não sentiu 64.

L.D.: É... aqui o pior foi 68...

J.A.B.: Nós lá, não, sentimos muito 64, porque era governo do Arraes. Duas cidades sofreram muito: Recife e Porto Alegre, Arraes e Brizola. Então, a razão foi essa: desilusão, choque.

L.D.: O senhor falou da Universidade e do Brasil daquela época. Como o senhor vê o Brasil e a universidade, hoje?

J.A.B.: Pergunta difícil... teria de falar muito, detalhar muito. Mas, digamos que neste país não existe continuidade. Gostaria de dizer: "aquela época era muito pior, foi melhorando, vivemos uma fase melhor..." Mas não, os problemas é que são diferentes... O que sinto na Universidade é uma apatia muito grande.

L.D.: Da parte de quem? Professores? Alunos?

J.A.B.: Todos, todos. Depois de 5 anos na administração da Universidade: - 5 de editora e 3 1/2 de pró-reitoria - sinto um enorme ceticismo quanto à vibração da comunidade universitária. Tenho exemplos concretos. Um deles: como pró-reitor instalei "Nascente". Foi inovador. Digo isso sem nenhuma vaidade, mas com muito orgulho: foi uma coisa única na Universidade brasileira. A Reitoria chama os alunos em 8 áreas de Artes e diz: apresentem seus trabalhos. E, sem gastar dinheiro público, conseguiu recursos para dar um prêmio ao melhor de cada área. Conseguimos dinheiro da empresa privada. Os alunos desta Universidade sempre sentiram que a Universidade não dava importância às atividades artísticas dos alunos. Em oito áreas: Teatro, Dança, Prosa de Ficção, Ensaio, Poesia, Música Popular, Música Erudita, Artes Plásticas, eles apresentam seus trabalhos e fazemos um enorme banco de dados, para que isso possa servir depois. Hoje, se alguém procurar dançarinos na USP, é possível chamar no computador e saber quais os que existem.

L.D.: E o intercâmbio, entre as áreas, também foi muito importante...

J.A.B.: Também. E tudo inteiramente feito para os alunos. O melhor, de cada área, vai receber 4 mil dólares. Se forem dois vencedores, dois mil cada um. É muito dinheiro, neste país. Este é um país pobre, se você consegue patrocinar, desse modo, não é proteger no sentido paternalista. A Editora Abril, a empresa que está financiando o projeto, não exige nada, em troca. Só quer participar e quer que o logotipo dela apareça, é claro. Pois bem, esse projeto eu acho absolutamente singular. Aliás, soube que ele já foi aprovado, numa reunião de Reitores, para que fosse implantado nas universidades brasileiras. E também soube que, no Rio de Janeiro, as universidades públicas vão implantar o projeto Nascente; vai ter o Nascente UERJ, o Nascente UFRJ assim por diante. É, portanto, um projeto importante, revela talento! Mas, os alunos desta universidade me decepcionam. Não participaram do projeto como deveriam. O

projeto é deles, afinal!... Quando digo apoiar, quero dizer trabalhar, falar do projeto, exaltá-lo, ressaltar sua importância para a Universidade.

É claro que os concorrentes querem ganhar dinheiro, receber o prêmio, sei lá! Mas os demais, onde estão? Nunca o Diretório Central dos Estudantes desta Universidade deu apoio. Pelo contrário, no início, me procuraram como pró-reitor. Disseram que gostaram do projeto, mas que eram contra porque vinha "de cima para baixo", era idéia do pró-reitor. Perguntei: "você acha que o pró-reitor não pode ter idéias? Tem de ser um imbecil, um burocrata, apenas?" Isto eu acho decepcionante. Não sei o que vou pensar no futuro, mas hoje, minha visão é muito crítica. Agora, no dia 4, vamos ter a entrega de prêmios do 3º Nascente que é o meu último. O projeto Nascente não teve o mínimo apoio dos professores, a não ser daqueles que participaram das comissões examinadoras, a meu convite. São pessoas extraordinárias que toparam fazer parte dessas comissões. Graças a eles, o projeto pôde ir adiante. Mas são pouquíssimos! Veja: três em cada comissão, são 24 pessoas apenas. Onde está o resto do corpo docente da Universidade? Quando você vai à entrega de prêmios do "Nascente", há sempre muita gente; são parentes dos que participaram. O número de professores da Universidade é mínimo...

L.D.: Não acha que isso é reflexo do individualismo que impera em nossa sociedade?

J.A.B.: Pode ser, mas não consigo mostrar uma única causa. Sinto que também é isso. Mas devem existir outras. Disse que ia te dar dois exemplos. Um é o projeto "Nascente". Outro é a minha experiência com a editora da USP. Vejam, eu sou de Letras. Sou professor de Teoria Literária e Literatura comparada. Fui o 1º professor titular depois do Antônio Cândido. Para muita gente, isso não agrada, mas, na vaga do professor Antônio Cândido fiquei eu, registrado no Diário Oficial e tudo. Então, sou professor de Teoria Literária. Entretanto, depois de 5 anos na Editora da Universidade, nunca fui procurado por um colega de Letras que me levasse um projeto de equipe. Já escrevi várias vezes em jornal que estamos fazendo um "Caderno de Leitura" que já está no 6º número. Aberto! É da Editora da Universidade! Pois, para conseguirmos uma resenha é difícil, os professores não nos procuram. Já escrevi várias vezes nesse caderno o quanto seria interessante apresentar projetos, projetos de equipe. E falei mui claramente, e acho que essa vai ser a minha grande frustração - a de não ter nem começado (finalizado seria impossível!) a realização da edição crítica de Machado de Assis pela Editora da Universidade de São Paulo. Mas, para fazer uma edição crítica de Machado de Assis, é preciso formar uma equipe. Tem que ter idéias! Pessoas que estão trabalhando com letras, com literatura, nunca se apresentaram me trazendo idéias, projetos. Individualmente, é claro que sim: trazendo livros de autoria própria, livros de orientandos. O que, aliás, confirma o que você está dizendo, esse excesso de

individualismo. Mas, projetos da Universidade propriamente, não. E não quer dizer que todas as áreas sejam assim. Porque temos lá o projeto da ESALQ: o projeto de uma enciclopédia agrícola brasileira. Algo extraordinário! Temos ainda o projeto para a publicação de uma coleção absolutamente inédita no Brasil, sobre oceanografia, do Instituto Oceanográfico; temos um projeto da Faculdade de Medicina que quer publicar uma série de livros sobre Medicina. Enfim, temos projetos coletivos, mas, de Letras, não recebi nada similar. A não ser agora que começou a funcionar... mas é algo muito pessoal do professor Sebe, da História, que nos trouxe um manuscrito do Padre Antonio Vieira: *Clavis profetarum*. Eu disse: "para traduzir esse manuscrito, fazer as notas, editar, etc. precisamos montar uma equipe, com dois ou três professores de Letras, outros dois da História para fazer esse trabalho". Vou ver se consigo auxílio da Vitae. Mas tem que apresentar o projeto. Então, fiquei realmente muito decepcionado com isso. Recentemente, nós editamos um livro de uma crítica norte-americana importante, Marjorie Perloff, de 60 anos, dedicada ao que faz, cujo livro *O Momento futurista*, editamos belamente. Na época, eu ainda era pró-reitor de Cultura e resolvi trazê-la para fazer o lançamento do livro e dar conferências na USP e na Bienal do Livro. Não tinha pouca gente, mas, posso estar sendo injusto, havia 3 ou 4 professores de Letras, não mais que isso.

L.D.: Ai, professor, talvez seja falta de tempo.

J.A.B.: Pode ser. Espero que seja, mas, no fim eu noto absoluta apatia. Sabem, nunca acreditei em argumentos assim; "não se faz porque não há verba".

L.D.: A força de vontade compensa a falta de verba...

J.A.B.: Exato. Têm-se feito coisas admiráveis. Tem-se mostrado que isso é possível, quando se quer. Faltam projetos: projetos que não sejam individuais, nem apenas corporativos, projetos que sejam universitários, acadêmicos. Isso falta mesmo e me angustia muito.

L.D.: Embarcando nessa questão de projetos, o que a Edusp está pensando em fazer para a rede de ensino de primeiro e segundo graus?

J.A.B.: Deixe eu lhe contar, pois essas coisas vão ficar registradas. O projeto de livros para o segundo grau que surgiu na Reitoria da USP. Não é um projeto do pró-reitor de Cultura nem do presidente da Edusp. Surgiu de conversa entre os pró-reitores e o reitor. Desde o início, o Reitor foi um dos grandes entusiastas desse projeto de fazer livros para o segundo grau.

L.D.: Por favor, a que Reitor o senhor se refere? O reitor Goldenberg ou o reitor Lobo?

J.A.B.: O reitor Lobo. Pensamos: "Como vamos fazer isso?" A idéia foi convidarmos professores da Universidade para fazer esses livros. Teria que ter um coordenador de cada área e esse coordenador deveria escolher colegas de trabalho. Primeiro tivemos que escolher as áreas. Na área de Humanas: Língua e Literatura, Geografia e História (do Brasil e Geral).

Essas foram as áreas escolhidas, muito arbitrariamente porque outras áreas ficaram de fora. Seria um início, a primeira etapa. Discutimos bastante. Fariamos livros para vender em bancas de jornais, como a Unicamp acabou fazendo e que se confundissem com coisas feitas para o Vestibular? Não! Eu brequei isso, fui uma das vozes contrárias e esse tipo de coisa. Sempre disse, desde o início: "Vamos fazer livros paradigmáticos". Quer dizer, livros que a gente chame o autor e diga: "Você vai fazer uma gramática de Língua Portuguesa, por exemplo, que seja o livro que você sempre quis fazer, independente da grade curricular. É claro que você vai ter que se manter um pouco dentro disso, mas pode fazer inovações. Todas as que quiser. É o livro que você sempre quis fazer". Em todas as áreas, a conversa foi essa. Como éramos dois pró-reitores da área de Humanas, eu e o professor Celso Beisegel, da Educação, convidamos as pessoas: o Platão, para coordenar a parte de Língua; o Roncari, para coordenar Literatura Brasileira, pessoas que já tinham tido experiência com o segundo grau. O Boris Fausto, para História do Brasil. O Juraci, da geografia, para formar uma equipe para Geografia. e foi assim... Nas áreas biológicas, o professor Urney que é médico e era pró-reitor de Pesquisa, indicava, com o professor Ubriaco, na época pró-reitor de pós-graduação. Matemática e Física, o próprio Reitor escolhia, porque essa é a área dele.

L.D.: A área de física já tem tradição nesse setor...

J.A.B.: Exato. Aí reunimo-nos com toda essa gente, tivemos várias reuniões, explicamos o que queríamos: algo feito com absoluta liberdade. A ponto de um professor observar: "Esse livro para mim é um desafio muito grande, não sei se vou aceitar. Vocês estão dizendo: "faça o livro da sua vida, dos seus sonhos: Se eu não fizer, vou me suicidar..." Então topou, mas topou assim. Depois de tudo conversado, combinado, o Reitor contratou uma pessoa que tinha experiência com livro didático na Editora Abril e tem sua própria editora nessa linha, Pedro Paulo Popovic. Ele ficaria gerenciando o projeto, cobrando as datas, os prazos de entrega etc. Eu até não concordei com esse contrato assim. Disse: a editora pode fazer isso. Mas o Reitor achou melhor fazer dessa forma e contratou o Pedro Paulo que, até poucos meses atrás ainda era uma espécie de assessor do Reitor para esse projeto. O que faltava saber era o seguinte: como vamos incentivar esses autores, como fazer que esse projeto seja diferente? Queríamos pagar a eles uma determinada quantia, independente dos direitos autorais que iriam receber pelo livro. Ou seja, um trabalho que fosse bem pago. Seriam 10 mil dólares por projeto. E, através do professor Celso Beisegel, que tinha

conhecimento nessa área, conseguimos que a Fundação para o Desenvolvimento da Educação - FDE, da Secretaria de Estado de Educação fizesse um convênio conosco. Eles dariam o dinheiro para o pagamento, contanto que, quando da edição dos livros, tivessem direito a um determinado número de exemplares. Para nós, isso foi excepcional pois quando os livros ficarem prontos já teremos sua distribuição apoiada pela Rede Estadual. Até o fim do ano, alguns já vão sair. Por exemplo: História já ficou inteiramente pronto. Deixe-me explicar também o processo: o professor Boris Fausto entregou-nos o livro, eu escolhi um leitor crítico experiente. Ele leu, conversou com o professor Boris, remexeu. Só assim o livro vai ficar pronto para a edição. Vamos fazer pequenas edições, digamos 10 mil, porque nós não queremos grandes "best-sellers". Queremos modificar a própria grade. O professor secundário vai sentir a importância desse livro e vai ter nele um paradigma. Os livros estão sendo entregues e são todos elaborados por grandes professores. O livro de História tem 470 páginas, mais ou menos, escrito por Boris Fausto e vai de Cabral a Collor. Isto é um livro que nem existe mais. O único que existiu assim foi o do João Ribeiro: pegava a História do Brasil como uma totalidade, sem ser em vários volumes, era uma síntese. O livro de Biologia está sendo coordenado pelo Isaias Raw... é gente do melhor nível. O de Geografia está sendo por um grupo excelente de Geografia, da nossa Faculdade. Creio que, para os professores que fizeram o livro, foi um desafio. Eu dizia sempre a eles: "Vocês tem que encontrar a linguagem adequada entre o professor e o aluno, o meio termo entre um e outro, mas sem baixar o nível. Pelo contrário, dando novidade e até certa dificuldade. Na verdade se esses livros realmente funcionarem, podem substituir, para o professor, os livros que estão sendo usados pelos professores: "Princípios Passos", da Brasiliense, coleção "Princípios" da Ática etc. Esta é a idéia.

Agora, quero dizer o seguinte: esta é uma nova série de livros para o segundo grau mas isso não significa que já não tenhamos publicado livros para segundo grau. Já publicamos três volumes de Física, de assuntos diferentes, pelo grupo de Renovação dos Estudos da Física, situado no Instituto de Física da Universidade e que inclui professores do Instituto de Física e professores do segundo grau. E de Química, também já publicamos dois volumes, uma para professor e um para aluno, pelo grupo de Renovação de Estudos de Química do Instituto de Química.

Que não têm nada a ver com esta série de livros para o segundo grau que está sendo apoiada pela FDE. É outra coisa, são publicações que nós tínhamos feito. E que está se provando muito eficiente, pois estão sendo usados em todo o Brasil. Assim que o livro de Química saiu, nos encomendaram, de Porto Alegre, 500 exemplares para a rede pública. Tínhamos uma edição de 3 mil, não somos uma editora comercial. Mas, se pedem 500 exemplares é sinal que daqui a pouco teremos que fazer uma reedição.

A Gramática foram três autores que elaboraram, o que complica um pouquinho. Eles se entenderam, está dando certo. O livro que saiu, assim, muito preciso, foi o de História. Porque era só o Boris fazendo. O de Geografia, eles conseguiram, com cinco ou seis pessoas. No início pensaram fazer um volume sobre Geografia do Brasil e outro sobre a geral. Resolveram fazer um só, incluindo os dois. Foi lindo pensar a Geografia do Brasil dentro da Geografia Geral. Uma bela idéia e é isso o que nós estamos querendo: inovação do ponto de vista do conteúdo pedagógico.

L.D.: Na sua opinião, qual é a função da editora universitária?

J.A.B.: Vou começar pelo seguinte: o problema das editoras universitárias brasileiras, é que, nas universidades federais, em geral, não existem editoras. Existem gráficas que também publicam livros, eventualmente, mas não são editoras. Para ser editora, tem que ter um projeto editorial, uma política editorial, um departamento editorial etc. É o caso da Universidade Federal de Sergipe, a de Goiás, a do Rio Grande do Norte... No caso das editoras universitárias estaduais paulistas: a Unesp, a Edusp, e a Edunicamp, as diferenças são as seguintes: primeiro, a Edusp é a mais antiga. e a Edusp não era uma editora, fazia co-edições, isto é, comprava exemplares das editoras privadas. A editora privada fazia o preço e a Editora da USP comprava e só revendia esses livros das editoras privadas no seu campus. Havia uma espécie de acordo de cavalheiros de só vender no campus, não vendia fora. Ela não tinha sede editorial, só tinha estoque. Na verdade, a Edusp era uma generosa livraria.

L.D.: E também não tinha poder decisivo quanto ao que publicar.

J.A.B.: Não, porque, veja, era a editora privada que oferecia a ela. E o conselho editorial decidia o que era mais útil comprar para a Universidade. O espaço de decisão era só esse: o que comprar dentro do que as editoras privadas estão oferecendo. E algumas ofereciam com mais eficácia. É o caso da editora Itatiaia de quem a Edusp comprou um número absolutamente exagerado de títulos. E por preço muito mais alto, quer dizer, preço de capa, pois a Edusp não tinha condições de avaliar os custos editoriais, porque não tinha um departamento editorial. Quando entrei, modifiquei tudo, criei um departamento editorial. Co-edição a gente continua a fazer, mas com contrato de co-edição. Peço para que a editora privada diga quanto vai custar o livro e nós fazemos nosso orçamento para cotejarmos com o deles. Mas, nunca mais do que 50% que é o máximo que fazemos, é a grande parceria: meio a meio. Quando o livro interessa menos à Universidade, fazemos 30, até 20% apenas. Quando interessa, metade. A grande modificação é que, tendo criado um departamento editorial, é a Edusp que sugere às outras: "Querem entrar conosco na edição deste livro?" Então, mudou completamente o eixo. Temos muitos livros de autores da Universidade, sobretudo, que a gente sugere às outras. E estabeleci logo algumas linhas de

edição. Como é uma editora universitária, temos que publicar nas três grandes áreas da Universidade: Ciências Humanas, Biológicas e Exatas. Então, criei algumas linhas que incluem essas áreas. Temos por exemplo, a coleção "Ponta" para publicar livros que digam a última palavra sobre determinado assunto de um desses ramos do conhecimento. Há outra que se chama Coleção "Base". São livros básicos que interessam às três áreas. E há outras mais específicas como "Coleção Edusp de Economia". Ou "Coleção Edusp de Direito". Ou coleção "Criação e Crítica" que é mais Literatura. Criamos outra ainda, que é muito interessante, chamada "Coleção Campi", da qual já publicamos 14 volumes: pequenos textos dos diversos campi da Universidade e que têm poucos leitores. As tiragens são bem menores. Como no texto sobre Enfermagem ou sobre teoria dos Conjuntos.

L.D.: E qual a tiragem?

J.B.A.: Até, no máximo, 1000 exemplares. A Teoria dos Conjuntos, do Francisco Miraglia, do Instituto de Matemática, é muito específica. Foi até difícil fazer a orelha desse livro, pois ninguém do departamento editorial entendia do assunto, mas é muito importante para o especialista na área. Então, temos que pensar a Edusp editora como muito específica e muito geral, ao mesmo tempo, porque abrange todas as áreas da Universidade. Ah! estávamos falando das diferenças com relação à Unicamp e a Unesp, a meu ver. Com relação à Edunesp, a diferença é que não publicamos revistas. Por outro lado, com relação às duas, a grande diferença nossa é que temos todos esses projetos editoriais muito claramente estabelecidos. E eles não têm. Na verdade, há alguns projetos que vêm desenvolvendo. A Edunicamp tem projeto de publicação de obras, mas é solto, esporádico, não há linhas de publicação tão claras e definidas como nós temos. Temos um departamento editorial muito forte. Embora pequeno, ele inclui desde preparação de texto até a arte final. Só não fazemos a impressão e o acabamento, porque não temos gráfica e nem queremos ter. Temos feito muito dessas tarefas editoriais contratando "free-lancers" porque nossa infra-estrutura é pequena. Contrato "free-lancers" com a renda industrial da editora. É claro que somos uma repartição pública e isso dificulta o trabalho de uma editora, porque fica menos ágil do que se poderia esperar. Sobretudo quando, para fazer impressão e acabamento, tem-se que fazer licitações. Eu tinha resolvido esse problema, através de um acordo verbal. Estávamos fazendo todos as nossas impressões na Imprensa Oficial que, como órgão semi-público dispensa a licitação. Não fazíamos licitação, mandávamos direto para lá, transferíamos a verba, pronto! E isso estava dando grande agilidade às nossas publicações. Mas, agora, surgiu uma nova lei que obriga também a Imprensa Oficial a fazer licitações. São esses problemas do serviço público que quebram a agilidade, o ritmo que seria desejável. Por isso, acredito que a editora da Universidade, no futuro, tem que se transformar numa empresa, cuja qualidade continue sendo controlada pela Universidade, com

conselho editorial constituído por professores da Universidade. Como é Harvard, como é Yale... na Inglaterra, onde as editoras vivem dentro da Universidade, mas não estão subjugadas à burocracia da Universidade. Mas, é algo que precisa ser muito bem pensado porque o grande perigo é a perda ou diminuição do controle de qualidade. Precisa ser muito bem pensado, planejado. Outra coisa que vai de encontro a sua outra pergunta. A editora da USP tem uma grande vantagem em relação às outras universidades estaduais paulistas, um privilégio: é que ela tem uma rede de livrarias que hoje é muito ágil: cinco aqui no campus, um na Maria Antonia, cinco no interior, inteiramente integradas por um sistema de informática, o sistema Hermes, que criei. De tal forma, que você consegue saber onde está qualquer livro, em qualquer livraria. E a venda se transforma num processo muito mais ágil. E transformou - isso me fala, particularmente, ao coração - essas livrarias em verdadeiras assessorias bibliográficas, para professores e alunos. O sujeito está lá perdido, coitado, em Bauru, e quer um livro que lá não tem. Vai na livraria da Edusp; se não houver em qualquer livraria nossa, mas houver no mercado brasileiro, em 24 horas (caso de São Paulo) ou 48 horas (no interior) ele já tem o livro nas mãos. Acho isso de uma agilidade fantástica! Aqui em São Paulo é até menos, mas, no interior, é importantíssimo. Depois, a gente já está vendendo "software" em algumas das nossas livrarias. O segundo nível de distribuição é o "mailing list". Temos hoje uma secção de divulgação, gente especializada nisso, dentro da editora e que conta uma "mailing list" de, mais ou menos, 40.000 nomes. De professores da Universidade e fora dela. Nas diversas áreas! Para te dar um exemplo, quando nós editamos o fundamentos de Composição Musical de Schoenberg, eu disse ao Plínio, nosso diretor editorial: "Vamos fazer um número mínimo de exemplares (1.500) porque esse livro vai ficar no estoque. Pois bem, vendemos 800 livros, mais da metade da edição, só pelo "mailing". Ele já está na segunda edição.

L.D.: Ou seja, vocês conseguiram atingir o público-alvo quase imediatamente à publicação. O sonho de toda editora...

J.A.B.: Pois é. Nós, hoje, estamos vendendo por mês, o mesmo número de livros próprios e co-editados. Dá uma média de dois títulos esgotados por mês. O terceiro nível de distribuição: como qualquer editora comercial, nós temos distribuidores em todo o Brasil, do Amapá ao Rio Grande do Sul. No nosso catálogo, você tem distribuidores de todos os estados, às vezes mais de um por estado. E são os melhores do Brasil. Só a distribuição no Brasil é complicada, mas não é um problema da Edusp, é um problema geral. É o problema do distribuidor brasileiro que, em geral, é incompetente. Só que, agora, mudei a direção comercial da editora. Nela está um jovem que já trabalhou na Unesp, em editoras comerciais, e em livrarias comerciais; o Celso Fonseca. Eu acho que a editora vai dar um salto enorme, nesse sentido. Quanto à distribuição há muita diferença entre editora comercial e universitária. Embora, em relação à

publicação, as diferenças sejam várias: 1) Nós não publicamos "best sellers"; 2) Nós não publicamos poesia, só se tiver um contexto adequado. Por exemplo, publicamos a *Odisséia*; e vamos publicar o *Uruguai* de Basílio da Gama, em edição crítica. Ai sim, ai há um contexto, que permite a uma editora universitária publicar poesias. 3) Nós não publicamos romances... Então há uma série de diferenças, não são aquelas que as editoras privadas gostariam. Elas julgam que as editoras universitárias deveriam fornecer livros para as editoras privadas publicarem. Essa é uma visão do privado selvagem, e com isso não posso concordar. Eu não vivo pedindo ao professor que ele seja monopólio meu. Eu gostaria, evidentemente, que ele nos procurasse antes de procurar qualquer outra editora.

A idéia de que a editora universitária deve editar o que editora privada recusa, ficou na cabeça do próprio professor. É uma idéia, de certa forma, construída pelo editor privado e o público engoliu! O grande problema das editoras universitárias no Brasil, foi esse. Primeiro, quando teve dinheiro, traduziu muita coisa e não soube distribuir, como a editora da Universidade de Brasília. É preciso, ainda, não fazer grandes edições. É melhor fazer menos de três mil e ter seus livros lidos, do que fazer 5 mil para ficar empapados do estoque. E, se for preciso, fazer uma reedição.

É claro que se pode fazer, de vez em quando, uma feira. Isso qualquer universidade do mundo faz. Mas não se pode viver assim. Isso não é política editorial!

L.D.: É preciso também lembrar a qualidade dessa produção das editoras universitárias. É o livro do poeta da terra,...

J.A.B.: Exatamente! Vocês me falaram de regionalismo. Nesse campo, eu penso o seguinte: em alguns estados o regionalismo podia ser bem aproveitado. Queria dar um exemplo: a editora da Universidade Federal de Sergipe quis mudar. Mandaram uma pessoa aqui fazer um estágio de dois meses conosco. E eles disseram que queriam começar com uma co-edição com a Edusp. "O que podemos fazer? Não hesitei: "Vamos fazer a reedição da primeira edição, de fato, da *História da Literatura Brasileira* do Sílvio Romero, a de dois volumes, da Garnier. Contratei Roberto Ventura, que fez tese sobre Sílvio Romero, para fazer uma leitura do texto, editado pela Garnier. Sílvio Romero, sergipano, acho que era de Lagarto, um autor importante. Não tenho nada contra esse tipo de regionalismo. Tenho contra essa coisa que eu não diria nem que é regionalismo de bairro, é de arrabalde. Chega o Reitor, e diz: Minha mulher tem um primo que escreveu um ótimo livro de poemas". Ai é horror! Eu tenho tido sorte, porque, nessas duas administrações que tive à frente da Edusp, ou seja, fim da administração Goldenberg e administração Lobo, preciso dizer

que nunca houve a mínima interferência por parte deles, na editora. E isso eu acho fantástico num país como o nosso.

L.D.: Tenho a impressão de que o professor, o crítico e o editor, já falaram. Falta o pró-reitor de Cultura e Extensão. Vamos dar esses cinco minutos que faltam para a pró-reitoria?

J.A.B.: Vamos lá, qual a sua pergunta?

L.D.: Qual seria a linha geral ou principal, da pró-reitoria de Cultura e Extensão?

J.A.B.: Quando assumi, a pró-reitoria, chamava-se pró-reitoria de Cultura e Extensão. Descobri que ela não tinha infra-estrutura. Eu teria que, além de criar a infra-estrutura necessária, integrar os órgãos culturais. Então a pró-reitoria passou a ter cinco órgãos: TUSP, OSUSP, CORALUSP, Estação Ciência e Comissão de Patrimônio Cultural - CPC. De outro lado, descobri que Extensão era uma coisa que se fazia normalmente, na Universidade. A Universidade tem uma enorme tradição de Extensão. Não só de cursos, mas de projetos. E existem unidades dentro da Universidade que, naturalmente, tendem à Extensão, mais do que outras. Por exemplo, a própria Faculdade de Saúde Pública que faz Extensão mesmo antes de a Universidade existir; a ESALQ - Escola Superior de Agricultura; a Faculdade de Agronomia de Piracicaba; a própria Faculdade de Direito onde os estudantes dão assistência judiciária à comunidade. Enfim, trabalhos de Extensão sempre foram tradicionais dentro da Universidade. Assim que percebi isso, o que precisava, a meu ver, era organizar melhor, articular melhor, o lado cultural da pró-reitoria. Fazer a cultura se explicitar dentro da Universidade e criar uma certa rotina, porque não existe cultura sem rotina. Que os concertos, as exposições acontecessem, que a Universidade sentisse que ela produz cultura e que a comunidade externa também percebesse isso. Então, tomei uma atitude muito simples, um verdadeiro ovo de colombo: criei o calendário cultural da Universidade. Assim, todas as unidades informam a pró-reitoria sobre suas atividades culturais e elas são postas num calendário publicado todo mês, e a comunidade fora daqui fica sabendo o que a Universidade faz em termos de cultura. O pró-reitor de cultura é, também, pelo estatuto da Universidade, presidente da coordenadoria dos museus: os quatro museus institucionais; o Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE, o Museu de Zoologia, o Museu Paulista e o Museu de Arte Contemporânea - MAC. Então, começamos a ter reuniões desta coordenadoria, preocupados com atividades conjuntas dos museus dentro da Universidade, para fazer com que a comunidade interna e externa soubesse da existência desses museus. Há muita gente, dentro da própria Universidade que não sabe que o Museu Paulista pertence à Universidade de São Paulo. Ao lado disso, surgiram alguns projetos, já nomeei o projeto "Nascente". Um outro projeto que não deu certo, mas que eu

acho muito bonito e algum dia alguém ainda vai realizar com eficácia é o projeto que chamei de "Claque". "Curso de Atualização Cultural para Funcionários da USP", que era dado aos sábados, por alunos de pós-graduação que, voluntariamente, se ofereceram para dar aulas de várias áreas: Biologia, Geografia, Língua Portuguesa, Literatura e Matemática. Eram três horas de cada área, das nove as 12 horas. À época, eu mesmo vim assistir a algumas aulas aqui.

Não deu certo por causa do horário. Como era aos sábados, o pessoal do Sintusp me explicou - muita gente faz "bico" aos sábados.

L.D.: Então não deu certo por causa da crise e não pelo projeto em si.

J.A.B.: É ... O projeto é bonito mesmo. Eu acho belíssimo fazer com que o funcionário da Universidade receba do aluno da Universidade, conhecimento. O funcionário, em si, é a infra-estrutura para que o aluno de pós estude. Nesse sentido, era um projeto redondo, bem articulado. Mas, enfim... houve outro projeto da Universidade aberto à terceira idade que, à diferença de outros projetos para a terceira idade que existem por aí, foi um projeto singular. Pedi a cada unidade que dissesse, em suas várias disciplinas, onde havia vagas. O número de respostas foi espantoso: 1.700 vagas para pessoas acima de 60 anos. Não se trata de cursos para idosos. São cursos normais. A recepção disso é uma coisa comovente. Gente que vem de todo o lado e está fazendo cursos na ECA, na Psicologia... Infelizmente a Faculdade de Filosofia voltou contra o projeto, não abriu vagas...

L.D.: Professor, não votamos contra. Não temos vagas nem para alunos.

J.A.B.: Não sei, professora. Em Letras, pode ser... Mas em Política, em História, em Ciências Sociais... certamente havia vagas. Só duas faculdades não aceitaram: Filosofia e Direito. O que é lamentável! a ECA está cheia. Até a Faculdade de Medicina aceitou. Mas está dando certo, está continuando. Vão agora para o segundo ano e o projeto vai continuar. Ninguém pode parar um projeto desses... Bem, então o "Universidade Aberta à terceira idade" é outro tipo de projeto. E outros em que a pró-reitoria entrou junto com a Reitoria, para monitorar o público que vem à Cidade Universitária aos sábados e domingos. Tem muita gente contra. Há risco de fechar. Disseram ao reitor Lobo, uma vez: "Professor, esse projeto é bonito, mas corre-se o risco de ter um computador roubado todo sábado. E o Lobo respondeu, a meu ver, de forma admirável: "Eu prefiro um computador roubado todo sábado do que fechar o campus a 70 mil pessoas que o procuram. É uma questão de opção!" Seria a mesma coisa que fechar o Hospital Universitário ao público do Butantã. Ia ser muito mais organizado, tudo em ordem, tudo limpinho, só para funcionários e professores da USP. Mas equivaleria a jogar ao Deus - dará 800 mil pessoas, que é o

público que recebe os serviços do Hospital Universitário - HU. Sentido social é o que falta! A comissão do Patrimônio Cultural não existia. Era só Comissão do Patrimônio Arquitetônico. Fiz com que ela se transformasse em cultural mesmo, isto é, incluir os museus, o SIBI (Sistema Intergrado de Bibliotecas), e aí, já surgiu um projeto lindíssimo, que é um projeto conjunto da Comissão de Patrimônio Cultural com o SIBI. Minha idéia foi transformar a C.P.C. numa espécie de SPHAN (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) da Universidade, que é no que ela vem se transformando. Ela não pode ser só o patrimônio arquitetônico. Nós temos museus, laboratórios, bibliotecas e obras raras. Nós vamos publicar catálogos dos séculos XVI, XVII e XVIII. O catálogo do século XVI já tem 400 obras raras no mínimo. Obras raras! Não só antigas, mas muito raras. Isso é patrimônio cultural da Universidade. Então para fechar, eu quis fazer com que a pró-reitoria de Cultura e Extensão assumisse este lado cultural que estava, a meu ver, pouco explicitado. Por isso, muita gente me diz que fui mais pró-reitor de Cultura do que de Extensão. Creio que isso é verdade. Fui mesmo, porque acredito que a parte de Extensão vive por si.

L.D.: Professor, muito obrigada, em nome de **Linha d'Água** e de seus leitores

Artigo

O ULTRA JOVEM ÁLVARES DE AZEVEDO

Roberto de Oliveira Brandão

Resumo:

O estudo que se segue da obra de Álvares de Azevedo destaca, além da multiplicidade de suas direções, a tendência de ir além dos limites então praticado pelos poetas brasileiros da época romântica. Por tais aspectos, e também pela consciência que ele tinha dos problemas literários e de sua própria poesia, ainda hoje pode ser lido com interesse.

Palavras-chave:

Álvares de Azevedo, Poesia romântica, Romantismo brasileiro.

Como personalidade poética, o paulista Álvares de Azevedo (1831-1852) é certamente o nosso mais típico romântico. Paradoxalmente, isso o aproxima dos modernos, sobretudo pela mistura que ele opera entre os elementos mais contraditórios.

Sua inclinação romântica a transpor todos os limites o leva a se distinguir dos seus pares brasileiros: de Gonçalves Dias pelo desequilíbrio entre o tumultuoso da inspiração e uma sensibilidade capaz de captar traços do ambiente em que vive; de Casimiro de Abreu pela fixação nos limites do "eu" ao mesmo tempo em que se entrega a uma imaginação aventureira; de Junqueira Freire pela proximidade entre o amor recatado e tímido e uma profusa fantasia erótico-amorosa; de Castro Alves pela união de uma moldura psicológica das imagens da natureza e a apreensão da realidade cotidiana, mistura até então considerada como apoética no interior dos gêneros sérios.

Se é verdade, como sugere a crítica, que muito dos seus excessos de imaginação e de forma se devem a uma confluência de vários fatores, entre os quais, a fase praticamente de adolescente em que produziu sua obra, ou então, a influência da leitura dos românticos europeus, sobretudo o "misterioso Bretão

* Professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo